



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1510

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRISTIANIZAÇÃO DA ESCANDINÁVIA

Flávio Guadagnucci Palamin

**Resumo.** O texto objetiva uma discussão acerca do processo de conversão da Escandinávia ao cristianismo a partir do século X. Ainda que esses povos tenham tido contato com o cristianismo logo no início da Era Viking (séculos VIII-XII), a antiga religião pré-cristã prosperou por séculos, graças às características de seus deuses, que correspondiam às expectativas dessas sociedades permeadas por uma cultura de violência. A conversão da Dinamarca ao cristianismo tem início com o batismo do rei Harald Bluetooth, poucos anos após sua ascensão ao trono, em 963. Na Suécia, o processo ocorre nas décadas próximas ao ano 1100 e na Noruega entre os anos 995 e 1000. É importante ressaltar que os três reinos apresentam longa e violenta resistência à nova religião, com revoltas e tomadas de poder, na defesa da antiga religião pagã – a transição do culto aos deuses pagãos para Cristo, na Suécia, por exemplo, durou cerca de um século. Na Islândia, ilha colonizada, principalmente, por vikings noruegueses, dinamarqueses e suecos, a conversão ocorre por decisão majoritária da Althing, assembleia geral islandesa, no ano 1000, como um ato político pacífico. Para Peter Brown, devido à falta de chefes e à distância que separava os povoados da Islândia, “a lei era a única coisa que tinham em comum. A divisão entre pagãos e cristãos destruiria necessariamente o pouco consenso que existia nestas sociedades frágeis.” (1999, p.318). Desse modo, as novas leis islandesas demonstram flexibilidade com as práticas pagãs. Temos, portanto, um processo lento, com resistências, que evidencia a força da antiga religião pré-cristã.

**Palavras-chave:** Escandinávia; Era Viking; Cristianização.

Ainda no século IX, os habitantes da Escandinávia se mantinham fiéis aos seus deuses, graças ao vigor e sorte sobre-humanos que somente eles poderiam lhes dar para sobrepujar seus inimigos. “Era possível que Cristo, o deus franco, fosse aceito; mas teria que corresponder às expectativas dos guerreiros.” (BROWN, 1999, p.314).

Não somente guerreiros, os Vikings também foram grandes comerciantes e foi, a partir do comércio, que a fé cristã se espalhou pela Escandinávia, como no exemplo de um:

punho de uma espada franca encontrada na Suécia ornamentado com um verso dos Salmos: 'Abençoado seja Deus, que preparou as minhas mão para a guerra e meus dedos para o combate'[Salmo 144:1] (BROWN, 1999, p.314).

A utilização de uma arma com tal inscrição pode ser compreendida a partir da tradição Viking, na qual era comum guerreiros colocarem inscrições rúnicas em suas armas, a fim de aumentar seus poderes, ou mesmo em pedras próximas às sepulturas, a fim de beneficiar o morto. (BRONDSTED, 2004, p.186).

Ainda no tocante às maneiras que a fé cristã adentrou a Escandinávia, Peter Brown comenta sobre o espírito guerreiro Viking:

Mas um 'viquingue' era um rei empreendedor que se lançara pelo caminho da guerra, pela *vik*, à procura de saque e prestígio [...] Dentro em pouco, a Escandinávia viu-se inundada de riquezas cristãs, escravos cristãos e idéias cristãs. (BROWN, 1999, p.315).

Na Dinamarca, "antes da conversão, os missionários só poderiam trabalhar com permissão real e a cristianização do reino começou a partir do topo, o rei e sua corte dando a liderança."<sup>1</sup> (GELTING, 2007, p.110). Desse modo, a cristianização da Dinamarca tem início com o batismo do rei Harald Bluetooth (958-987), poucos anos após sua ascensão ao trono, em 963.

Com sua coroação, o rei ordenou a seus súditos que adorassem somente a Cristo, em detrimento aos deuses pagãos. Adam de Bremen analisou a conversão de Harald como uma consequência militar da derrota que este sofreu por Otto I, na tentativa de apaziguar as relações entre o reino dinamarquês e o reino alemão, tentativa esta frustrada, tendo em vista que uma guerra entre os dois reinos estava prestes a estourar em 968 e em 974. (BREMEN apud GELTING, 2007, p.80-81)

Aproximadamente em 987, o reinado de Harald chega ao fim, com a rebelião de seu filho Sven Forkbeard. Ainda segundo Bremen, a ação foi uma reação pagã

---

<sup>1</sup> Before the conversion, missionaries could only work with royal permission, and the Christianization of the realm began from the top, the king and his court giving the lead.

contra o Rei Cristão. Apesar do paganismo não retornar com a rebelião, Sven expulsa quatro bispos de Hamburg-Bremen e somente alguns, senão um único, tiveram permissão de operar na Dinamarca. Uma nova diocese só é criada com o reinado de Cnut *the Great*, filho de Sven, em 1021. (BREMEN apud GELTING, 2007, p.83)

Apesar de Harald Bluetooth reivindicar, em uma inscrição feita em pedra, em Jelling<sup>2</sup>, que ele teve a honra de cristianizar os dinamarqueses, é somente no reinado de Cnut *the Great* que a Dinamarca apresenta um quadro institucional estável para dar suporte ao culto cristão. (GELTING, 2007, p.83-84). Entretanto, “Cristãos e pagãos podem ter coexistido por cerca de duas gerações antes que a ilha ficasse sob controle direto dinamarquês.”<sup>3</sup> (GELTING, 2007, p.85).

Cerca de um século após a conversão Harald Bluetooth, a cristianização da Dinamarca se manteve praticamente um caso real e aristocrático. Eventualmente decapitando o antigo culto pagão, a conversão pode ter deixado a maioria da população numa espécie de limbo cultural, nominalmente cristã, mas apenas tenuemente conectado ao novo culto.<sup>4</sup> (GELTING, 2007, p.87)

A conversão da Suécia ao cristianismo ocorreu nas décadas próximas ao ano 1100. Entretanto, a transição do culto aos deuses pagãos para Cristo durou cerca de um século, em parte violento. O que vemos nas *rune-stones*<sup>5</sup>, erguidas na Suécia, no período, são indicações de que por mais que o cristianismo tenha sido adotado de maneira oficial, conotações da antiga religião ainda prevaleciam, como é o caso das serpentes e dragões (BLOMKVIST; BRINK; LINDKVIST, 2007, p.179).

Excluindo as informações que obtivemos com as *rune-stones* e alguns artefatos, pouco se sabe sobre a conversão da Suécia ao cristianismo. Somos forçados, por *default*, a recorrer novamente ao relato de Adam de Bremen para

---

<sup>2</sup> Vilarejo localizado no sul da Dinamarca.

<sup>3</sup> Christians and pagans may have coexisted for a couple of generations before the island came under direct Danish control

<sup>4</sup> for about a century after Harald Bluetooth's conversion, the Christianization of Denmark remained largely a royal and aristocratic affair. Thereby decapitating the old pagan cult, the conversion may have left the majority of the population in a sort of cultural limbo, nominally Christian but only tenuously connected to the new cult

<sup>5</sup> Monumentos em pedra contendo inscrições rúnicas. Abordaremos tal escrita no capítulo seguinte.

formular uma base dos ocorridos, juntamente com as fontes antes citadas. (BLOMKVIST; BRINK; LINDKVIST, 2007, p.181)

Erik Segersäll (o Vitorioso) foi o primeiro rei a ter contato com o cristianismo. Ele foi batizado na Dinamarca, próximo ao ano 990, mas ao retornar à Suécia (Uppsala), abandona a fé cristã, retomando o paganismo. Fato importante é que, apesar de ter voltado atrás em sua conversão ao cristianismo, Erik permitiu que missionários cristãos atuassem na Suécia. O primeiro rei sueco cristão foi o filho de Erik Segersäll, Olof Skötkonung. (BLOMKVIST; BRINK; LINDKVIST, 2007, p.181)

Entre os anos de 1070-1100 ocorreu um fato que ilustra bem as contendas entre os pagãos e cristãos:

*A Hervararsaga* (saga islandesa do início do século XIII) diz que o rei Inge I (1070s-1110) se recusou a realizar os rituais pagãos (*Blót*), e como o seu antecessor teve de ir para o exílio em Västergötland, É dito que seu cunhado pagão Blót-Sven (literalmente, 'servo em um sacrifício') governou por três anos. Rei Inge, no entanto, voltou com uma força armada e matou Sven. A história pode muito bem ser uma construção literária, mas uma rebelião pagã em torno de 1080 é confirmada por outras fontes. Algumas décadas mais tarde Ailnoth criticou os *Svear* e os *Gótar* tanto por serem bárbaros ou rudes e por apenas manterem a sua fé cristã enquanto sua fortuna era boa, mas se os ventos do infortúnio sopravam contra eles – 'ou a terra não produzia colheita ou o céu a sua chuva, ou inimigos atacá-los ou greves de fogo'- eles voltavam-se contra os cristãos e tentavam expulsá-los do país.<sup>6</sup> (BLOMKVIST; BRINK; LINDKVIST, 2007, p.186)

Olav Tryggvason, que reinou a Noruega entre 995-1000, é considerado por Adam de Bremen como o primeiro rei a trazer o cristianismo para a Noruega. Entretanto, os reinados que precederam o de Olav nos mostram que, além do cristianismo estar presente nas altas hierarquias, sua aceitação, da mesma maneira

---

<sup>6</sup> The Icelandic *Hervararsaga* (from the thirteenth century) relates that King Inge I (1070s–1110) refused to perform the pagan rituals (*blót*), and like his predecessor had to go into exile in Västergötland. His pagan brother-in-law Blót-Sven (literally, 'servant at a sacrifice') is said to have ruled for three years. King Inge, however, returned with an armed force and killed Sven. The story may well be a literary construct, but a pagan rebellion around 1080 is confirmed by other sources. A few decades later Ailnoth criticized the *Svear* and *Gótar* alike for being barbaric, rough and merely keeping their Christian faith as long as their fortune was good, but if the gales of misfortune blew against them – 'either the earth doesn't bring harvest or heaven its rain, or enemies attack them or fire strikes' – turning against the Christians, and trying to expel them from the country

como na Dinamarca e na Suécia, ocorreu sob protestos e conflitos. (BREMEN apud BAGGE; NORDEIDE, 2007, p.136)

Hakon *den gode* (reinou de 934-61), após ser convocado pelo rei inglês, retorna para a Noruega cristão. Bagge e Nordeide (2007, p.135) acreditam que a cristianização do rei norueguês ocorreu em função da aliança entre o pai de Hakon, Harald Herfagre e o rei inglês, Athelstan. Da mesma forma, os Eirikssons, sobrinhos e sucessores de Hakon foram batizados na Inglaterra.

Sobre o batismo de Olav, existem duas teorias: que ele foi batizado na Noruega por missionários dinamarqueses ou, a mais provável, que ele, assim como seus predecessores, foi convertido na Inglaterra. Entre os reinados dos Eiriksson e Olav, Hakon, da dinastia de Lade, foi “o último governante pagão da Noruega, que lutou para restaurar a religião pagã. Este é atestado pelo poema escáldico *Vellekla*, que elogia Hakon por proteger os santuários pagãos.”<sup>7</sup> (BAGGE; NORDEIDE, 2007, p.136).

De acordo com as sagas, Hakon *den gode* foi o primeiro a trazer missionários para a Noruega. (O texto) *Ágrip* (de 1190), bem como sagas posteriores mencionam que Hakon construiu igrejas e instalou sacerdotes, mas as pessoas de *Møre*, no noroeste da Noruega, queimaram as igrejas e mataram os sacerdotes, e o povo de *Trøndelag*, mais ao norte, forçaram o rei a desistir da missão e tomar parte no culto pagão.<sup>8</sup> ( BAGGE; NORDEIDE, 2007, p.135)

Por fim, um poema escáldico refere-se à Olav Tryggvason como *Horg-Breaker*, o ‘destruidor de *Horg*’ (local de culto). As primeiras legislações cristãs proibiram cultos localizados próximos a colinas e *horgs*. (BAGGE; NORDEIDE, 2007, p.125).

No Livro das Colonizações, *Landnámabók*, escrito no século XII, encontramos duas versões de como se deu a descoberta da Islândia: teria sido descoberta pelo Viking norueguês chamado Naddoður, ou pelo sueco Garðarr Svavarsson, que teria

---

<sup>7</sup> the last pagan ruler of Norway, who fought to restore the pagan religion. This is attested by the skaldic poem *Vellekla* which praises Hakon for protecting the pagan sanctuaries

<sup>8</sup> According to the sagas, Hakon *den gode* was the first to bring missionaries to Norway. *Ágrip* (c. 1190) as well as the later sagas mention that H. akon built churches and installed priests, but the people of *Møre* in the northwestern part of southern Norway burnt down the churches and killed the priests, and the people of *Trøndelag* further north forced the king to give up the mission and take part in the pagan cult

se perdido numa tempestade (HOLMAN, 2003, p.51). Entretanto, ambas as versões concordam em dois aspectos: primeiro, que o nome Islândia foi dado pelo norueguês Flóki Vilgerðarson, que teria tentado e falhado em habitar o país, onde perdeu todo seu gado durante um rigoroso inverno (Islândia, *Ísland*, significa, literalmente, “Terra de Gelo”) e segundo, “que a descoberta da Islândia por noruegueses foi uma consequência da ânsia insaciável por viagens de aventura entre os povos escandinavos durante a Era dos Vikings” (OLIVEIRA, 2009, p.39-40). Apesar das adversidades da grande ilha, com costas recortadas, geleiras e vulcões, em 874, o primeiro colonizador norueguês permanente chegou à Islândia.

O período de colonização se deu entre 874 e 930 e seus colonizadores, os “denominados *landnámsmenn* (i.e., ‘tomadores de terra’) pelas gerações posteriores, eram homens e mulheres que reivindicavam seus próprios interesses.” (OLIVEIRA, 2009, p.40). Segundo Oliveira, durante os aproximados 60 anos da colonização, entre 10.000 e 20.000 pessoas emigraram para a Islândia.

O Livro de Assentamentos (*Landmabók*) lista cerca de 430 assentamentos separados que foram estabelecidos por esses colonos. Bem como noruegueses, entre os colonos também estavam os escandinavos que viviam na Grã-Bretanha, especialmente na Escócia, Hébridas, e na Irlanda.<sup>9</sup> (HOLMAN, 2003, p.146)

Os colonizadores levaram consigo utensílios, animais domésticos e mercadorias, bem como suas crenças e seus deuses, como *Odin*, *Thor*, *Freyr* e *Tyr*. Entretanto, durante todo o período da Era Viking, a população total da ilha ficou em torno de cinquenta mil indivíduos (SØRENSEN, 2000, p.10).

Mantendo o desejo aparente dos colonos de governar a si próprios, não havia reis da Islândia. No entanto, a Islândia permaneceu intimamente ligada à Noruega por laços de família e pela economia. Grande parte do comércio da Islândia estava com a Noruega, e a corte real norueguesa era o lugar para o islandês jovem e ambicioso ir. Foram os islandeses que escreveram a história dos reis noruegueses (sagas) e grande parte da poesia escáldica sobre estes reis. No entanto, a Idade Média viu os ideais da república livre islandesa colapsarem em uma guerra civil e politicagem, o que levou

---

<sup>9</sup> The Book of Settlements lists some 430 separate settlements that were established by these colonists. As well as Norwegians, the settlers also included Scandinavians who had lived in Britain, especially in Scotland and Hebrides, and in Ireland

finalmente à incorporação da república para o reino da Noruega em 1262-1264<sup>10</sup> (HOLMAN, 2003, p.147)

Sørensen (2000, p.24) entende a submissão islandesa para a Noruega como uma necessidade na intervenção da guerra civil, uma vez que a própria constituição islandesa não conseguia conter o acúmulo de poder nas mãos de poucos e as disputas existentes entre eles. No final, a submissão se deu de maneira gradual, sob a forma de decisões pacíficas. “A conversão ao cristianismo acontece sob a pressão de Óláfr Tryggvason, mas a decisão é tomada no *Althing*, pelos próprios islandeses e é representada como um ato puramente político.”<sup>11</sup> (SØRENSEN, 2000, p.17).

Desse modo, a cristianização da Islândia ocorreu por decisão majoritária da *Althing*, no ano 1000, isto é, menos de um século depois do estabelecimento da nova sociedade. Diferente do que ocorreu nos outros países escandinavos, a transição islandesa deu-se como um ato político pacífico. A igreja islandesa ficou então sob o bispado de Hamburg-Bremen, passando, em 1104, para o dinamarquês e, em seguida, no ano de 1154, para o bispado norueguês.

Sørensen acredita que, a longo prazo, a Igreja também contribuiu para a desintegração do estado livre islandês<sup>12</sup>:

Depois de 1154 a Igreja foi exposta à influência norueguesa, e a concepção cristã do Estado foi capaz de agir em oposição à estrutura da sociedade islandesa, porque pressupõe-se que o povo tinha um rei, que poderia exercer o poder secular em nome de Deus.<sup>13</sup> (SØRENSEN, 2000, p.19).

No caso islandês, Peter Brown aponta que, devido à falta de chefes e à distância que separava os povoados da Islândia, “a lei era a única coisa que tinham

---

<sup>10</sup> In keeping with the colonists' apparent desire to rule themselves, there were no kings of Iceland. Nevertheless, Iceland remained closely tied to Norway by bonds of family and by economics. Much of Iceland's trade was with the motherland, and the Norwegian royal court was the place for the young, ambitious Icelander to go. It was the Icelanders who wrote the history of the Norwegian kings and much of the skaldic poetry about these kings. However, the Middle Ages saw the ideals of the free Icelandic republic collapse into civil war and politicking, and this lead ultimately to the republic's incorporation into the kingdom of Norway in 1262–1264

<sup>11</sup> The conversion to Christianity happens under pressure from Olafr Tryggvason, but the decision is taken at the Althing by the Icelanders themselves and is represented as a purely political act

<sup>12</sup> É interessante notar que, antes da dissolução do estado livre, os dois bispos islandeses fazem parte da assembleia legislativa da Althing.

<sup>13</sup> After 1154 the Church was laid open to Norwegian influence, and the Christian conception of the state was able to act in opposition to the structure of Icelandic society, because it presupposed that a people had a King, who could exercise secular Power on God's behalf

em comum. A divisão entre pagãos e cristãos destruiria necessariamente o pouco consenso que existia nestas sociedades frágeis.” (BROWN, 1999, p.318). Desse modo, a decisão tomada no ano 1000, na assembleia geral islandesa, de aderir à fé cristã, apesar das declarações de pagãos e cristãos de que não viveriam sob as mesmas leis, ocorreu com algumas condições:

Foi então proclamada nas leis, que todas as pessoas deveriam ser cristãs, e que aqueles que neste país ainda não tinham sido batizados deveriam receber o batismo, mas as antigas leis deveriam ser mantidas no que se refere a exposição de crianças e de comer carne de cavalo. As pessoas tinham o direito de sacrificar em segredo, se quisessem, mas seriam puníveis com a menor proscricção, se testemunhas fossem produzidas. E alguns anos mais tarde, estas práticas pagãs foram abolidas, como as outras.<sup>14</sup> (ÍSLENDINGABÓK, XII)

Nessa atitude tolerante, podemos encontrar parte da explicação de porque as tradições da época antes do cristianismo, como a poesia escáldica e poemas sobre os deuses pagãos, conseguiram sobreviver à mudança de religião e continuar a serem lembradas, até o momento em que são escritas, no século XIII.

A coexistência de ambas as religiões, bem como o processo de cristianização, podem ser observados na forma como a própria figura de Cristo foi representada na literatura islandesa. Em uma delas, como inimigo, Cristo era oposto das divindades nórdicas. Nesse contexto, como encontrado na literatura das sagas, Cristo, enquanto rei dos céus, deveria:

cumprir a antiga função que os deuses mantinham no mundo Viking: combater a fome e todo problema cotidiano, perpetuar a lei e a ordem, criar um referencial modelar tanto de comportamento quanto de ética, perpetuar o equilíbrio e a ordem do universo.(LANGER, 2005, p.188).

Sendo o deus mais cultuado da Escandinávia, Thor era geralmente representado em duelo com Cristo, já que os clérigos argumentavam que os dois

---

<sup>14</sup> It was then proclaimed in the laws that all people should be Christian, and that those in this country who had not yet been baptized should receive baptism; but the old laws should stand as regards the exposure of children and the eating of horse-flesh. People had the right to sacrifice in secret, if they wished, but it would be punishable by the lesser outlawry if witnesses were produced. And a few years later, these heathen provisions were abolished, like the others

eram irreconciliáveis e, desse modo, não era possível acreditar em ambos (OLIVEIRA, 2009, p.24). Ao vencer Thor, Cristo passa a ser visto como um “demonstrativo tanto da superioridade do cristianismo quanto de uma necessidade de substituir uma forma religiosa por outra que atendesse os anseios sociais e simbólicos das comunidades” (LANGER, 2005, p.189).

Em outra forma de representação, Cristo aparece como adotado e reconhecido: “Ele acabou encarnando os antigos ideais tão valorizados pelos Vikings: um homem reputado por seu comportamento heróico, digno de uma Saga.” (LANGER, 2005, p.189). Entretanto, foram necessários cerca de 100 anos para que os rituais cristãos fossem totalmente incorporados pelos islandeses.

Inserida em tal contexto, a literatura escáldica pôde florescer dentro de uma nova cultura escrita, mantendo, as concepções de mundo, religião e linguagem de seus antepassados.

A partir da abordagem sobre o processo de cristianização das três nações escandinavas - Dinamarca, Suécia e Noruega – podemos concluir que a ocorrência de revoltas e a relativa dificuldade que o cristianismo encontrou ao ser instaurado na Escandinávia, são indicativos da força que a antiga religiosidade Viking ainda possuía. Apesar da pequena quantidade de documentos contemporâneos das práticas e narrativas de tal religiosidade, o fato de termos documentos posteriores que exaltam tais categorias antigas reforça nosso posicionamento.

## BIBLIOGRAFIA

BAGGE, S.; NORDEIDE, S. W. The kingdom of Norway. In: BEREND, Nora. **Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.121-166.

BLOMKVIST, N.; BRINK, S.; LINDKVIST, T. The Kingdom of Sweden. In: BEREND, Nora. **Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.167-213.

BRONDSTED, Johannes. **Os Vikings: História de uma Fascinante Civilização**. São Paulo, Hemus, 2004.

BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999.

GELTING, M. H. The Kingdom of Denmark. In: BEREND, Nora. **Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.73-120.

HOLMAN, Katherine. **Historical Dictionary of the Vikings**. Oxford: The Scarecrow Press, 2003.

ÍSLENDINGABÓK KRISTNI SAGA: The Bok of the Icelanders, The Story of the Conversion. Translated by Siân Grønlie. Londres: University College London, 2006.

LANGER, Johnni. Religião e Magia entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica. **Brathair** 5 (2), 2005: 55-82. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 15:30.

OLIVEIRA, João Bittencourt de. Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas. **Brathair** 9 (1), 2009: 38-65. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 15:45.

SØRENSEN, P. M. Social Institutions and Belief Systems of Medieval Iceland (c. 870-1400) and their Relations to Literary Production. In: ROSS, Margaret Clunies (organizadora). **Old Icelandic Literature and Society**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.8-29.